

O CURRÍCULO DE GEOGRAFIA E AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES NA SALA DE AULA¹

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA

Universidade de São Paulo

gustavocepolini@usp.br

Resumo: Este artigo analisa o currículo de Geografia a partir de alguns elementos previstos no Parâmetro Curricular Nacional (PCN), bem como do currículo de Geografia proposto pela Secretaria de Educação do estado de São Paulo datado de 2008. Busca-se, portanto, refletir sobre as competências e habilidades com o foco na aprendizagem, ou seja, na promoção dos conhecimentos próprios da disciplina articuladamente às competências e habilidades dos alunos. Nesse contexto, as indagações e apontamentos subsidiam algumas ações na formação de professores e coordenadores pedagógicos, frente os desafios de uma Geografia engajada e atuante num mundo marcado por uma fluidez desigual e contraditória sob a égide da globalização.

Palavras-chave: Currículo, Competência, Habilidades, Ensino de Geografia, Formação de Professores.

Abstract: This article analyzes the Geography curriculum from some elements provided on the “Parâmetro Curricular Nacional, PCN” (National Curricular Parameter), as well as from the Geography curriculum proposed by the São Paulo secretary of education in 2008. Therefore, we aim to bethink the competencies and abilities focusing on learning, in other words, focusing on promoting the discipline’s own knowledge articulated with the students’ competencies and abilities. In this context, the questions and guidelines support some action on the formation of teachers and pedagogical coordinators, in face of the challenges of an engaged Geography which acts in a world marked by an unequal and contradictory fluidity under the Aegis of globalization.

Keywords: Curriculum, Competency, Abilities, Geography Teaching, Teacher Formation.

¹ Texto elaborado para as Orientações Pedagógicas desenvolvidas com os professores de Geografia da Diretoria de Ensino Campinas Leste, vinculada à Secretaria Estadual da Educação de São Paulo em 2013.

Introdução

“Os mapas mudam. Quando os mapas mudam, mudam também as trilhas. Mudam os destinos. E mudam as pessoas. Porque nós somos moldados pelo mundo em que vivemos” (ALVES, 2004, p. 101).

Indagações como: para onde vai o Ensino de Geografia? O que se deveria ensinar hoje em Geografia? e Geografia – disciplina subjulgada, embora soem como questões do final do século XX, ainda se fazem de um modo ou de outro presente em discussões sobre a Geografia do século XXI, dentro e fora da sala de aula.

Dessa maneira, pode-se afirmar que o Ensino de Geografia desde o final do século XX vem passando por inúmeras transformações que acompanham parte das mudanças técnicas-científicas e informacionais. Por isso, é necessário fazer uma breve leitura a partir de situações concretas, sobretudo, em relação ao Ensino Fundamental (EF), entre elas, destaca-se:

- Será que esses avanços atingem todas as salas de aulas do país?
- Como os professores estão utilizando os recursos digitais em prol da aprendizagem?
- Como os alunos aprendem com as novas estratégias e recursos digitais?
- Qual é o papel das famílias no acompanhamento da aprendizagem e do desenvolvimento acadêmico e social dos alunos?
- Será que é possível alfabetizar cartograficamente e geograficamente os alunos por meio de práticas inovadoras de ensino?
- Qual é o papel da mídia no trabalho educativo em sala de aula?

Parte das repostas somente podem ser escritas a partir da prática em sala de aula em constante diálogo com a teoria. Por isso, deve-se ressaltar que:

O ensino é funcional para o capitalismo moderno, mas contraditoriamente, ele também é um agente de mudanças sociais e uma conquista democrática. Aliás, pode-se dizer o mesmo de outras instituições similares, como por exemplo a indústria cultural (obras de artes como mercadorias, livros, filmes, meios de comunicações etc.): ela foi criada pela reprodução capitalista e é parte inerente da mesma, mas ao mesmo tempo é igualmente uma possibilidade de se alargarem as fronteiras do possível, de se pensar o novo, de subverter a ordem das coisas (VESENTINI, 2010, p. 17).

Nesse sentido, as contradições do mundo capitalista também estão na sala de aula e, por isso, pode-se dizer que são indissociáveis. Stefanello (2008), ao analisar as práticas de Ensino na Geografia Escolar e seu constante diálogo com o pensamento geográfico e o ideário de currículo afirma que:

De modo geral, a visão que se tem sobre a escola é a escola clássica imagem de uma sala de aula com professor, quadro-negro e alunos. Ser clássico não significa necessariamente ser tradicional. Hoje, engajamo-nos em busca de uma escola diferente daquela de duas ou mais gerações passadas, pautada no método tradicional. Mas, a

questão é: como ensinar geografia com aulas interessantes e ao mesmo tempo esbarramos em dificuldades como falta de recursos pedagógicos – globos, mapas, equipamentos audiovisuais, de informática, GPS – ou ainda, “competindo” com o que as novas tecnologias apresentam aos nossos alunos fora da escola? (STEFANELLO, 2008, p. 205-6).

Dessa forma, o ensino em sala de aula se apresenta como um grande desafio e exige do professor muito mais que aulas expositivas dialogadas. Trata-se de outra organização didática que envolva os alunos, tornando-os críticos, participantes e autônomos em relação ao saber geográfico.

No âmbito dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia para o Ensino Fundamental, observa-se que:

A Geografia, na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço e perceber as relações do passado com o presente (BRASIL, 1998, p. 15).

A partir desse cenário propositivo, já na apresentação do PCN de Geografia para o Ensino Fundamental, nota-se o compromisso pedagógico para ampliar a capacidade dos alunos em: “[...] observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos” (Idem, p.15).

Em relação à didática empregada nas aulas de Geografia no Ensino Fundamental, consta no PCN que:

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado mediante aulas expositivas ou leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, por meio de situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares, regiões e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e que promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos ler e explicar as paisagens e os lugares. Na sala de aula, o professor pode planejar essas situações considerando a própria leitura da paisagem, a observação e a descrição, a explicação e a interação, a territorialidade e a extensão, a análise e o trabalho com a pesquisa e a representação cartográfica (BRASIL, 1998, p. 135).

Nota-se que os PCNs formulados no final da década de 1990 servem como instrumental para a formação inicial e continuada dos professores. Dessa forma, pode-se dizer que parte do panorama apresentado é similar aos antigos manuais que orientavam o trabalho

O currículo de geografia e as competências e habilidades na sala de aula

pedagógico em sala de aula por meio de uma concepção de Geografia Tradicional, ancorada por vezes, na mera descrição e memorização de determinados fenômenos e situações.

Portanto, o esforço do PCN em relação às orientações didáticas em Geografia visa justamente analisar e apresentar parte dos eixos temáticos e algumas estratégias para que o professor possa desenvolvê-las dentro do seu planejamento de trabalho.

Os eixos temáticos elencados pelo PCN visam à unidade, ou seja, integrar a Geografia Física e Humana para que possam interagir reciprocamente, em que o fato social não poderá ser explicado e analisado isolado da natureza, por exemplo.

Ressalta-se ainda que muitos temas transversais possam ser utilizados nas aulas de Geografia, tais como aqueles relacionados à: Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Saúde, Orientação Sexual, Meio Ambiente, que estão inseridos no cotidiano e poderão servir de elementos básicos, ou seja, dos saberes prévios dos alunos para construção de novos saberes inerentes ao Ensino Fundamental.

A partir desse cenário de possibilidades com os temas transversais, pode-se reconhecer os eixos temáticos da ciência geográfica para o Ensino Fundamental. Os mesmos estão divididos nos PCNs entre terceiro e quarto ciclos, ou seja, equivalentes ao 6º e 7º anos (5ª e 6ª séries) e 8º e 9º anos (7ª e 8ª séries) conforme o Quadro a seguir:

Terceiro Ciclo - 6º e 7º anos	Quarto Ciclo - 8º e 9º anos
<ul style="list-style-type: none">•A Geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo.•O estudo da natureza e sua importância para o homem.•O campo e a cidade como formações socioespaciais.•A cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo.	<ul style="list-style-type: none">•A evolução das tecnologias e as novas territorialidades em redes.•Um só mundo e muitos cenários geográficos.•Modernização, modo de vida e problemática ambiental.

Quadro 1: Eixos Temático no Ensino de Geografia – EF.

Fonte: (BRASIL, 1998). Elaboração do autor.

Esses eixos temáticos derivam de grandes temas que visam à compreensão dos processos, escalas e contradições, e são detalhados no decorrer do PCN a partir dos seus desdobramentos no Brasil e no mundo. Dessa forma, possuem ligações entre o local e o global através de uma unidade relacional, que entre outras perspectivas, visam compreender a diversidade das paisagens e dos lugares onde o modo de vida, a cultura e a natureza interagem. Por isso, propiciam uma profunda reflexão sobre o contexto brasileiro na ordem mundial, enfatizando as inúmeras especificidades existentes.

A partir desse cenário, a reflexão sobre Currículo deve contemplar as legislações existentes, bem como o próprio movimento histórico dessa disciplina no âmbito brasileiro e mundial. Por isso, o Currículo Oficial do estado de São Paulo tem como principais referências legais e normativas as seguintes publicações: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN e os Parâmetros Curriculares Nacionais

– PCN, garantindo assim, que uma base comum de conhecimentos e competências funcione como uma rede nas escolas (SÃO PAULO, 2012).

Nesse contexto, o entendimento do currículo para competências e habilidades deve reconhecer os novos desafios contemporâneos da Educação, bem como àqueles direcionados à formação continuada dos professores. Por isso, nesse trabalho tecemos uma breve análise sobre currículo, competências, habilidades relacionando-os à formação continuada de professores de Geografia.

Currículo Escolar

Para adentrar nas reflexões específicas sobre o Currículo de Geografia, é necessário apresentarmos algumas conceituações sobre o que entendemos por Currículo.

Inicialmente, vale destacar a perspectiva dos PCNs, visto que:

O termo “currículo”, por sua vez, assume vários significados em diferentes contextos da pedagogia. Currículo pode significar, por exemplo, as matérias constantes de um curso. Essa definição é a que foi adotada historicamente pelo Ministério da Educação e do Desporto quando indicava quais as disciplinas que deveriam constituir o ensino fundamental ou de diferentes cursos do ensino médio. Currículo é um termo muitas vezes utilizado para se referir a programas de conteúdos de cada disciplina. Mas, currículo pode significar também a expressão de princípios e metas do projeto educativo, que precisam ser flexíveis para promover discussões e reelaborações quando realizado em sala de aula, pois é o professor que traduz os princípios elencados em prática didática. Essa foi a concepção adotada nestes Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 49).

O PCN apresenta uma visão moderna e mais flexível para atender as reformulações realizadas na década de 1990.

Para Sacristán (2000), o currículo é uma prática na qual se estabelece diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam. Nesse contexto, pode afirmar que o currículo não se restringe a um conjunto de disciplinas ou de conteúdos; pressupõe um programa de formação, indicando princípios e objetivos que devem ser considerados pelas propostas pedagógicas das escolas; deve ser flexível, pois, se materializa e toma uma determinada forma nas práticas didáticas e nas condições em que se realiza nos contextos escolares; apresenta caráter dinâmico, já que está sujeito às ressignificações em função das vicissitudes das práticas que o materializam e de mudanças socioculturais.

A partir dessa leitura, os seis princípios norteadores do Currículo do Estado de São Paulo são: *Uma escola que também aprende. O Currículo como espaço de cultura. As competências como referência. Prioridade da competência de leitura e de escrita. Articulação das competências para aprender. Articulação com o mundo do trabalho.*

Esses princípios norteadores devem reconhecer ainda as diferenças na teoria e na prática escolar, pois, os currículos têm por objetivo orientar a construção do conhecimento escolar (SACRAMENTO, 2007).

E nesse devir, trata-se de uma construção cultural, ideológica e social que reflete um dado momento histórico, bem como a compreensão institucionalizada e de funções sociais da escola (ROSSI, 2011).

Nesse contexto, a proposta de um currículo mais eficaz, democrático e justo deve atender:

Ao contrário de uma concepção educativa calcada numa perspectiva neoliberal, privatista e mercadológica, deve-se lutar para que a escola continue a ser o espaço por excelência de socialização de crianças, jovens e adultos, cumprindo um fundamental papel civilizatório e formativo. Não está em questão o uso ou não da informática e dos novos meios de comunicação, pois, se trata de uma conquista da humanidade e que deve ser acessível a todos. Deve-se usar de todos os meios e conquistas tecnológicas na educação, pois o que está em jogo é construirmos uma rede educacional que possibilite a todos uma educação de qualidade, com infraestrutura física adequada e na qual haja respeito, preparação e valorização dos trabalhadores e educadores (SANFELICE; MINTO; LOMABARDI, 2009, p. 57).

A partir dessa perspectiva, fica a indagação e, sobretudo, o compromisso em construir essa Educação de qualidade na sua totalidade. E, um dos caminhos é justamente o debate sobre as competências e habilidades no processo de ensino e aprendizagem.

Competências e habilidades em debate

O ensino para competências está baseado no entendimento de que se refere à capacidade do sujeito mobilizar recursos (cognitivos), visando abordar uma situação complexa (MORETO, 2002).

Perrenoud (2000) define competência como a mobilização correta, rápida, pertinente e criativa de múltiplos recursos cognitivos (saberes, informações, valores, atitudes, habilidades, inteligências, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio) para solucionar um problema de uma família de situações análogas.

Essa breve definição em parte, extrapola o âmbito escolar e deve dialogar com o fato de que qualquer pessoa terá que responder aos problemas e situações conflitivas ao longo da vida. Portanto, a competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, mediante ações nas quais se mobilizam ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais (ZABALA; ARNAU, 2010).

Nesse sentido, a tríade conhecimento – atitude e habilidades são essenciais para o desenvolvimento das competências, ou mesmo, sem esses elementos o ensino para competências será incompleto.

A partir desse contexto, pode-se afirmar que: as habilidades estão associadas ao saber-fazer: ação física ou mental que indica a capacidade adquirida (MORETTO, 2002). Por isso, entende-se que uma competência é constituída por várias habilidades, mas uma habilidade não é propriedade ou exclusividade de determinada competência, já que pode ser mobilizada por competências diferentes. Uma pessoa que tem uma boa capacidade de argumentação, por exemplo, pode fazer uso desta habilidade para ser bem sucedida em

diferentes profissões, como exemplo: Advogado, Juiz ou de Professor, ou em situações que exijam o convencimento de outras pessoas, como a conquista de votos para ser eleita para determinada função e/ou cargo.

As habilidades, portanto, são desenvolvidas a partir das competências e conteúdos, pois, são o trabalho e a interação com as especificidades destes últimos que fazem com que os seres humanos sejam capazes de realizar diferentes tipos de atividade².

Nesse contexto, as Ciências Humanas e suas Tecnologias³ no âmbito dos PCNs, também apresentam uma abordagem ampla no tocante ao desenvolvimento de competências e habilidades e ressalta que:

A aprendizagem nesta área deve desenvolver competências e habilidades para que o aluno entenda a sociedade em que vive como uma construção humana, que se reconstrói constantemente ao longo de gerações, num processo contínuo de historicidade; para que compreenda o espaço ocupado pelo homem, enquanto espaço construído e consumido; para que compreenda os processos de sociabilidade humana em âmbito coletivo, definindo espaços públicos e refletindo-se no âmbito da constituição das individualidades; para que construa a si próprio como um agente social que intervém na sociedade; para que avalie o sentido dos processos sociais que orientam o constante fluxo social, bem como o sentido de sua intervenção nesse processo; para que avalie o impacto das tecnologias no desenvolvimento e na estruturação das sociedades; e para que se aproprie das tecnologias produzidas ou utilizadas pelos conhecimentos da área (BRASIL, 1999, p.34).

Essas construções/reconstruções na Educação Básica revelam ainda, o papel do professor como mediador dos saberes, ou como afirma Antunes (2003), trata-se de um “artesão de inteligências”, pois, educar significa modelar o presente e lançar as bases para o futuro.

Antunes (2002, p. 15) apresenta ainda, alguns caminhos sobre as formas e estratégias para a aprendizagem ao afirmar que:

Ainda não sabemos todos os processos usados pela mente para aprender, mas sabemos que existem alguns. A maneira como uma criança “aprende” a engatinhar não é exatamente a mesma como, mais tarde, aprende a lidar com suas emoções ou a usar o computador. Entretanto, não há dúvida de que existem diferentes processos de aprendizagem e de que é importante que todo professor conheça-os bem. Distancia-se de perfil de hoje o professor apenas preocupado

² Para Machado (2007, p. 8): “Competências e habilidades, portanto, “andam juntas”. Não há alcance de competências sem habilidades e vice-versa. Por exemplo: para ser um/a exímio/a artilheiro/a de futebol, há que se ter habilidades tais como: trabalho em grupo, disciplina, comportamento esportivo, noções espaciais, noções sobre o tempo da bola, condicionamento físico, técnicas e drible, passe, colocação em campo, técnica de chute. Portanto, a competência de fazer gols implica na aquisição de múltiplas habilidades. No entanto, cada uma das habilidades citadas pode se tornar uma nova competência e requerer novas habilidades”.

³ Composto pelas seguintes disciplinas: Geografia, História, Filosofia, Sociologia.

O currículo de geografia e as competências e habilidades na sala de aula

com os fundamentos e os conteúdos da disciplina que leciona; conhecê-los, evidentemente, é importantíssimo, mas compreender a maneira como a mente opera o conhecimento e assimila-o é primordial.

A busca pela autonomia está em consonância com o prazer em aprender e utilizar aquilo que se aprende, ou, pelo menos, mostrar os sentidos, os porquês, formulando novas dúvidas e, conseqüentemente, novas buscas, as quais não cabem ao educador respondê-las, visto que a perspectiva da aprendizagem colaborativa – impulsionada pelas ferramentas digitais como, por exemplo, a *internet* – que em tese, pode responde muitas indagações. Nesse contexto, é necessário,

Perceber o currículo como espaço de conflito e dar lugar à diversidade não significa abdicar do direito e do compromisso de propor alternativas. Apenas amplia o desafio de romper com estruturas tradicionais para que, respeitando as diferenças e a polissemia de vozes, a escola proporcione condições de aprendizagem a todos (SANTIAGO, 2001, p. 153).

Por isso, na perspectiva ora apresentada, o currículo deve fazer a construção de um identidade social, cultural, de gênero, racial, sexual, etc. Dessa maneira, o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos - conteúdos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos, O currículo produz, o currículo nos produz (SILVA, 1999).

Currículo de Geografia

O Currículo do Estado de São Paulo (2008 e 2012) apresenta uma Geografia engajada e atuante num mundo cada vez mais dominado pela globalização dos mercados, pelas mudanças no mundo do trabalho e pela urgência das questões ambientais e etnoculturais, tanto no âmbito dos anos finais do Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Tabela 1. Habilidades de Geografia para o Ensino Fundamental e Médio⁴

Ano/série	1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4º Bimestre	Total
6º ano	8	10	13	8	39
7º ano	8	11	6	7	32
8º ano	12	12	9	6	39
9º ano	8	12	16	7	43
1ª série	13	9	10	16	48
2ª série	7	14	17	11	49
3ª série	6	8	10	9	33
Total	62	76	81	64	283

Fonte: (SÃO PAULO, 2012). Elaboração do autor.

⁴ Na disciplina de História há 215 habilidades, sendo 134 para o Ensino Fundamental e 81 para o Ensino Médio. Na disciplina de Sociologia e Filosofia, constam 88 e 89 habilidades, respectivamente. Ao final do Ensino Fundamental e Médio a área de Ciências Humanas da Rede Pública Estadual de São Paulo, em tese, trabalhou com 675 habilidades.

5ª série/6º ano do Ensino Fundamental	
2º bimestre	Conteúdos
	<p>O mundo e suas representações</p> <p>Exemplos de representações</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arte e fotografia <p>Introdução à história da cartografia</p> <p>A linguagem dos mapas</p> <p>Orientação relativa</p> <ul style="list-style-type: none"> • A rosa dos ventos <p>Coordenadas geográficas</p> <p>Os atributos dos mapas</p> <p>Mapas de base e mapas temáticos</p> <p>Representação cartográfica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qualitativa e quantitativa
	Habilidades
	<ul style="list-style-type: none"> • Comparar e diferenciar mapas e imagens de satélites • Descrever os movimentos do planeta Terra e identificar as consequências dos movimentos • Reconhecer o significado da seletividade na representação cartográfica e a distinção entre mapas e imagens de satélites • Identificar os pontos cardeais e colaterais e aplicar técnicas de orientação relativa • Aplicar o sistema de coordenadas geográficas para determinar a posição absoluta dos lugares • Reconhecer a diferença entre a escala gráfica e a escala numérica • Inferir título mais adequado para uma representação cartográfica • Reconhecer o significado da legenda para a representação dos fenômenos geográficos • Reconhecer a diferença entre mapas de base e mapas temáticos • Reconhecer técnicas de representação utilizadas na cartografia temática

Quadro 2. Conteúdos e Habilidades 6º ano – 2º bimestre.

Fonte: (SÃO PAULO, 2012, p. 84).

Cabe ao Ensino de Geografia desenvolver linguagens e princípios que permitam ao aluno ler e compreender o espaço geográfico contemporâneo como uma totalidade articulada, e não apenas memorizar fatos e conceitos desarticulados. Também deve priorizar a compreensão do espaço geográfico como manifestação territorial da atividade social, em todas as suas dimensões e contradições, sejam elas econômicas, políticas ou culturais.

O currículo de geografia e as competências e habilidades na sala de aula

Nesse sentido, o objeto central do Ensino de Geografia reside, portanto, no estudo do espaço geográfico - abrangendo o conjunto de relações que se estabelece entre os objetos naturais e os construídos pela atividade humana, ou seja, os artefatos sociais. Ressaltando ainda, o “tempo da natureza” através dos processos bioquímicos e físicos, responsáveis pela produção e interação dos objetos naturais, o “tempo histórico” que se responsabiliza por perpetuar as marcas acumuladas pela atividade humana como produtora de artefatos sociais.

Na tabela 1 pode-se verificar a distribuição das habilidades previstas na disciplina de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, divididas por bimestre, as quais totalizam 283 habilidades, e no Quadro 2, pode-se verificar os conteúdos e habilidades previstos para o 6º ano no 2º bimestre:

A leitura desses materiais em consonância com os demais elementos ora analisados nos permite inferir que o Currículo valoriza as características teórico-metodológicas através das quais se desenvolvem as novas propostas para o Ensino de Geografia, dentre elas destacam-se:

- O construtivismo como atitude básica como a Geografia escolar;
- A “Geografia do aluno” como referência do conhecimento geográficos construído em sala de aula;
- A seleção de conceitos geográficos básicos para estruturar os conteúdos de ensino;
- A definição de conteúdos procedimentais e valorativos para a orientação das ações, atitudes e comportamentos sócio-espaciais (CAVALCANTI, 2002, p. 30).

Essa perspectiva orienta também um novo caminho da proposta curricular em Geografia, ou seja, o professor não é o único detentor do conhecimento, esse é um mediador do conhecimento, valorizando o papel do aluno como sujeito do processo de ensino e aprendizagem.

No Quadro 3, pode-se verificar ainda a concepção da disciplina de Geografia. Nesse processo, cabe salientar que toda disciplina escolar leva consigo uma série de conteúdos. No entanto, alguns desses devem ser abordados com uma maior dedicação e não podem ficar sem ser apreendidos pelos alunos. No caso específico da Geografia, faz-se necessário uma concretização efetiva de certos conteúdos que devem estar articulados com as habilidades da ciência.



Quadro 3. Concepção da disciplina de Geografia

Fonte: (SÃO PAULO, 2008 e 2010). Elaboração do autor.

A leitura do quadro nos permite ainda, retomar aos PCNs quando elencam as principais habilidades e competências que devem ser executadas no Ensino de Geografia, tais como:

- Cartografia:** deter conhecimento acerca desse instrumento da Geografia.
- Espaço geográfico:** reconhecer, investigar e compreender o Espaço geográfico.
- Contextualização geográfica:** compreender e aplicar, no cotidiano, os conceitos básicos da Geografia.

Considerações finais

“[...] a ciência geográfica tem uma utilidade que poucos conseguem ver, pois um dos papéis que cumpre é justamente o de cegar a sociedade, desde a infância, de uma leitura da produção social do espaço cheio de contradições” (FERNANDES, 2008, p. 65-6).

A partir dessa breve reflexão, acreditamos na formação continuada do professor, que também aprende ao ensinar e vice-versa. Nesse contexto, é necessário ainda, um compromisso para não cair no ecletismo como novas roupagens, nomes e práticas, as quais mais distanciam do que aproximam na construção de uma Educação crítica e libertária, e, sobretudo, de qualidade.

Por isso, “o aprender não se restringe apenas aos conceitos apreendidos, aos aspectos cognitivos, aos aspectos teóricos” (ARAÚJO, 2010, p. 74). O mundo hodierno exige um pensamento autônomo e capaz de agir e demonstrar atitudes imprescindíveis aos novos tempos ‘globais’.

E, nesse devir, a formação continuada de professores deve basear-se em atividades intelectuais, com o desenvolvimento de competências que se materializam em situações de aprendizagem significativas e permanentes, considerando o aluno e o conhecimento como protagonistas em todo o processo de ensino e aprendizagem. Tal premissa deve ainda

O currículo de geografia e as competências e habilidades na sala de aula

contemplar que: “o objetivo da aprendizagem é viver, não é preparar para um futuro a ser vivido [...]” (ALVES, 2004, p. 89).

Essas elucubrações fazem com que o entendimento da aprendizagem da ciência geográfica extrapole os limites da escola, da educação formal, portanto. Diante dessa constatação, a leitura de Yves Lacoste ainda tem muito a dizer, na labuta cotidiana dentro e fora da sala de aula:

[...] Sem dúvida, no caso da Geografia, a relação pedagógica veio ser transtornada, pois o mestre não tem mais, como outrora e como ainda acontece com outras disciplinas, o monopólio da informação. [...] hoje, mestres e alunos recebem ao mesmo tempo, simultaneamente com as atualidades, uma massa de informações geográficas caóticas. Geografia em pedaços, o ocasional, o espetacular, sem dúvida, mas geografia de qualquer forma (1993, p. 182).

A partir dessa “Geografia em pedaços”, da fluidez, das contradições e das possibilidades, é que o Ensino de Geografia deve ser repensado para que tais informações sejam de fato transformadas em conhecimentos socialmente e territorialmente aplicados; portanto, o professor crítico-reflexivo torna-se ainda mais pertinente para apresentar e construir ferramentas que ajude o aluno na sua aprendizagem autônoma e, por vezes libertária.

Referências

- ALVES, Rubem. **Aprendiz de mim: um bairro que virou escola**. Campinas: Papyrus, 2004.
- ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- _____. **Como transformar informações em conhecimento**. Petrópolis-RJ: Vozes: 2003.
- ARAÚJO, Ivanildo A. de. Novos sentidos, novas perspectivas, novos compromissos. In: SESI. Departamento Nacional. **Ao mestre: uma homenagem aos professores do SESI**. Brasília: SESI, 2010.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. MEC, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 1999.
- CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- FERNANDES, Manoel F. de. **Aula de geografia e algumas crônicas**. Campina Grade: Bagagem, 2008. (Coleção Linguagem e Ensino).
- LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra**. Campinas: Papyrus, 1993.
- MACHADO, T. M. R.. Organização Curricular: Objetivos ou Competência e habilidades? Procurando a diferença entre 'seis e meia duzia'. In: **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2007, Caxambú. 30ª Reunião Anual, 2007. v. 1. p. 1-15.

- MORETTO, Vasco P. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para Ensinar.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- ROSSI, Murilo. **A nova proposta curricular do ensino de geografia na rede estadual de São Paulo: um estudo.** 2011. Dissertação (Mestrado). FFLCH. Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2011.
- SACRAMENTO, Ana C. R. **O currículo na construção do conhecimento geográfico: um estudo da ação docente de duas escolas estaduais de São Paulo.** Dissertação (Mestrado). FEUSP, São Paulo, 2007.
- SACRISTÁN, J. Cimeno. **O Currículo uma Reflexão sobre a Prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANFELICE, J. L.; MINTO, Lalo W.; LOMBARDI, J. C. Política e Financiamento da Educação em São Paulo. **Revista Educação e Cidadania**, v. 8 nº 1, Campinas-SP: Átomo, 2009.
- SANTIAGO, Anna R. F. Projeto Político-Pedagógico e organização curricular: desafios de um novo paradigma. In: VEIGA, I. P. A; FONSECA, M. (orgs.). **As dimensões do Projeto Político-Pedagógico.** Campinas: Papirus, 2001.
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas Tecnologias.** São Paulo: SEE, 2012.
- _____. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o ensino de Geografia: Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio.** São Paulo: SEE, 2008.
- SILVA, Tomaz T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- STEFANELLO, Ana C. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia.** Curitiba: IBPEX, 2008.
- VESENTINI, José William. Educação e Ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **A geografia na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.
- ZABALA, A.; ARNAU, L. **Como Aprender e Ensinar Competências.** Porto Alegre: Artmed, 2010.